

Procissão sevilhana.

Sexta-feira santa. Nove horas da noite. Catedral iluminada e recortada goticamente, mouriscamente, barrocamente contra o céu, por sua vez iluminado por métodos um tanto mais antiquados pela lua e por estrelas. Na catedral repousa Colombo, o responsável por parte apreciável dos turistas que se mesclam com a multidão de nativos aglomerada nas cadeiras da praça. Como justificara Colombo a presença de tantos Kodaks calvinistas entre as mantilhas católicas perante a Virgem que emprestou Seu nome a uma das caravelas? Já que as mesmas línguas afirmam que Colombo não passa de cristão novo?

O portão majestoso da catedral se abre. No balcão do palácio suntuoso do lado oposto da praça aparece o cardeal arcebispo. A multidão das dezenas de milhares de "fiéis", (fiéis não se sabe bem a que), continua comendo churros. Fiéis a churros, quem sabe? Do portão sai, precedida de soldados engalanados, uma dupla fileira infindável e sinistra. Figuras altas, vestidas inteiramente de manto preto, tendo o rosto e a cabeça cobertos de capuchos altos e pontudos pretos, com duas aberturas estreitas para os olhos, e tendo na mão enormes velas acesas, bengalas no largo caminho que conduz ao inferno. Hereges penitentes, alguns descalços na fria noite de Abril sobre as pedras geladas e molhadas por chuva recente. Contornam solenemente a praça e passam ao longo da grandiosa muralha do Alcácer construída pelos infiéis, (isto é: fiéis a Ala, e os quais, e preciso admiti-lo, sabiam construir, os danados, embora felizmente vencidos graças a Deus e a Santiago). A fileira infindável finda, (como tudo neste vale de lágrimas), e aparece no portão, seguida de banda militar inteiramente desafinada, uma visão inacreditável. Cercado de milhares de velas acesas e carregado por dezenas de "viri christiani" invisíveis flutua para dentro da praça um calvario naturalista, (embora de tamanho enormemente exagerado), com as duas cruzes dos ladroes oscilando perigosamente da direita para a esquerda, e com a enorme cruz do Salvador da humanidade inclinada ora para frente ora para trás na tormenta da caminhada. A aparição flutua por cima das cabeças da multidão que continua comendo, fumando e gracejando, efetua aventureira manobra para a esquerda, (feito admirável de navegação de um povo de navegantes), e lança ancora debaixo do balcão arquiépiscopal com hispânica grandeza. O arcebispo avança, inclina a cabeça púrpura, dobra as mãos e permanece um minuto em prece. Qual será a prece que o príncipe da Igreja dirige aos Céus acima do céu sevilhano, sob o qual é desfraldada agora enorme bandeira preta marcada por razões insondáveis com as letras enormes "SPQR" que fazem palpitar o coração de todo ginasiano? Que pedido está formulando o sacerdote neste instante ao Criador do mundo? O pecador, autor deste artigo, (e que nada tem de sacerdotal), suspeita que a prece é esta: "Senhor, livre-me da tentação de perceber o enorme Kitsch em tudo isto. Conceda-me a graça de considerar o espetáculo "muy hermoso e precioso", (como diz a menina de quatro anos sentada a meu lado)." E com tal prece, um tanto estetizante demais para ser prece, estaria o arcebispo formulando um pro-

po e blessings do ...
 SHITIGSO de ...
 COJOMPO, o ...
 metodo ...
 ...
 ...

blema muito grave nao apenas para a Igreja, mas para toda religiosidade na atu-
 alidade. Este: como conciliar a "pura" e decadente religiosidade das soi-disant
 elites, (que nao concebem mais um caminho ate Deus que passe por bonecas de cera)
 com a "primitiva" e autentica religiosidade das massas, (para as quais Deus se ma-
 nifesta nas formas imemorais herdadas do paganismo mediterraneo, quica nilotico,
 mesopotamico, ou mais antigo ainda)? Como conciliar estas duas religiosidades,
 sem diluir, de um lado, a religiosidade das massas, e sem degradar, do outro, a
 religiosidade da elite a ritualizacao morta? Podera ser resolvido o problema com
 reformas liturgicas nas varias religioes, ou com ecumenismos intra- e inter-reli-
 giosos, ou com "novas" religioes orientalizantes, ou nao tera o problema raizes
 mais profundas que apontam regioes muito alem das esteticas, regioes estas em cu-
 ja entrada esta escrito "lascate oggi speranza voi qu'entrate"? O problema se
 poe com violencia inusitada para quem se encontra, de repente, qual cachorro an-
 daluz, em terras catolicissimas que atestam a grandeza dos mouros.
 Ha uma maneira diferente de colocar o problema: Para a mentalidade da elite to-
 da ostentacao, e nao apenas a religiosa, e demonstracao de falsidade, Kitsch por
 tanto. Quem ostenta cultura e certamente semi-alfabeto, quem ostenta bondade sub-
 screvendo sociedades de caridade por certo nao paga seus empregados, e quem osten-
 ta patriotismo certamente procura sonegar impostos. Portanto quem ostenta reli-
 giosidade, na forma de procissoes por exemplo, e certamente irreligioso, e os co-
 medores de churros o provam. A verdadeira religiosidade, (como a cultura, a bon-
 dade e o patriotismo), nao se manifesta publicamente. Mas para a mentalidade da
 massa nada que nao se manifesta publicamente e verdadeiro, e quem nao se manifes-
 ta publicamente e altamente suspeito. E portanto necessario ostentar as cores
 do clube de futebol, as siglas do partido politico, as bandeiras das patrias, e,
 obviamente, participar de procissoes religiosas. As duas mentalidades se expli-
 cam com facilidade. A elite tende para a individualizacao e particularizacao, para
 a maneira de viver que os gregos chamavam de "idiotes". A massa tende para a so-
 cializacao, para o coletivo, para o "bios politikos" dos gregos. A diferenca
 das mentalidades se explica, mas como concilia-las?
 O aspecto estetico da diferenca, (a vivencia do Kitsch nas manifestacoes popula-
 res por parte da elite), e revelador, embora nao atinja o nucleo do problema. A
 banda militar desafinada da profissao e ridicula, portanto deve ser falsa a sua
 religiosidade, e o concerto de orgao na catedral por ocasio da missa solene do
 domingo de Pascoa e belo, portanto deve ser verdadeira a religiosidade da missa.
 Prova da completa perda de fe por parte da elite. A participacao enorme da pro-
 cissao e muito menor da missa e prova da quase completa fe por parte da massa. E
 que a procissao e muito mais "acontecimento". O aspecto estetico da diferenca re-
 vela o fato fundamental: a religiosidade esta em crise tanto na elite quanto na
 massa, e conciliar a diferenca seria um dos metodos de superar a crise.
 A catedral e bela. Igualmente bela e a "Giralda", (torre de mesquita). Sera tal

com s "blmiffas"
 eijee' (dne nro concepem m...
 STISSge. Face: como concitiss e "bnis" e g...
 * items unio elene nro sbousa bsis e ialejs: msa bels roqs...

BELEZA, PROVA DA AUTENTICIDADE

Vivencia de tal beleza por parte dos atuais prova da sua falta de religiosidade? A catedral de Sevilha nao visava beleza, mas glorificacao de Deus, e e por isto que ela e vivenciada atualmente bela. A catedral de Brasilia, esta sim, visa beleza, e e por isto que sua vivencia e muito mais discutivel. A atitude estetizante tanto da elite quanto da massa atuais, (uma visando "informacao", a outra "acontecimento"), e fundamentalmente irreligiosa. Conciliar a diferenca seria superar a atitude estetica e re-encontrar a base religiosa.

E provavel que bem no fundo da sua mente, (daquilo que outrora era chamado "alma") todo homem e religioso. Tanto o burgues alienado quanto o proletario igualmente alienado, embora as duas alienacoes se manifestem diferentemente. Apenas atualmente tal nucleo religioso esta soterrado por baixo de grossas camadas "esticas" e "eticas", (do tipo "acontecimento" e do tipo "engajamento"). Quica "alienacao" seja sinonimo de religiosidade soterrada. Conciliar as duas formas de alienacao seria talvez o inicio de um processo de desalienamento. De maneira que a prece sugerida ao cardeal arcebispo nao seria tao despropositada, afinal das contas. Se ria, no fundo, prece pedindo pela superacao da "morte de Deus" e pela vinda do "no vo homem".

Tais consideracoes, por confusas e infiltradas de duvidas que sejam, sao sugeridas pela Pascoa em Sevilha, portanto pela comemoracao da morte de Deus e superacao da morte de Deus em lugar imemorial, no qual se lutava por Deus e pelos deuses desde a autora dos tempos. Tendo uma tal catedral por ponto de referencia, e uma tal precissao por contra-ponto, quem nao estaria tomado da dialectica da religiosidade?